

# O CAMINHO DE VOLTA: ANCESTRAL MEMORY AND RESISTANCE

Roberta Bentes Flores Bayma<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Dramaturgia cênica de solo apresentado durante o I Congresso Brasileiro de Arte, Cultura e Saúde Mental, realizado em conjunto com o XV Encontro Catarinense de Saúde Mental. Fragmento adaptado de espetáculo “Caminho de Volta”, construção coletiva do coletivo cênico independente, atuante na cidade de Belém, Coletivas Xoxós. Ato poético apresentado como solo artístico durante o evento em tipologia cênica de Teatro Dadivoso.

### 1º Momento: O embarque

*[No espaço cênico já estarão os bancos, a máscara em cima dos bancos e os instrumentos ao lado de um dos bancos. A atriz entra em cena com uma corda nas mãos. Inicia falando o nome do seu rio. Segue caminhando em direção ao espaço cênico falando trechos sobre a história de suas ancestrais enquanto organiza a corda ao redor dos bancos].*

### Roberta/ancestral

Atravesso rios que percorrem a cidade de Belém. Conto a história de mulheres afro-indígenas-amazônicas que percorreram rios, afetos, desamparos e devires. Traço memórias visando o reconhecimento de nossas singularidades. Conto a história de Judith de Oliveira Bentes, mãe de 14 filhos, que morava em Óbidos, localizada na região do baixo Amazonas, banhada pelo rio Amazonas. Também a história de Nilma Bentes Flores e Nazaré Batista Pimentel, que também nasceram em Óbidos, mas que tiveram uma passagem da vida em uma localidade próxima chamada Igarapé dos Currais, próximo ao município de Oriximiná. As três atravessaram os rios e para chegar a Belém, onde viveram e ainda vivem os últimos

---

<sup>1</sup> Psicóloga e artista de teatro. Mestre em Psicologia e Doutora em Arte. Coordenadora do Grupo de Estudos em clínicas gestálticas e práticas de cuidado (Experiment\_Ações de Cuidado). Pesquisadora do Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade (GEPETU/UFPA). Pesquisadora do Grupo de Estudo, Pesquisa e Experimentação em Teatro e Universidade e do Arte, Festas, Corpo e Performance (UFPA).

dias. Experiências entre florestas e matas, rios e estradas, casas e prédios, cidade e campo. Existências cruzadas de mulheres, das nossas ancestralidades.

## **2º Momento: O mergulho nas narrativas**

*[A atriz retira a máscara do banco. Volta-se ao público e pergunta: E o teu rio, qual é? Em seguida explora a sonoridade de um dos instrumentos. Convida alguém do público para embarcar. Ajuda a pessoa a sentar no outro banco e, em seguida, começa o primeiro mascaramento]*

### **Roberta/ancestral**

Avé Maria cheia de graça, o Senhor é convosco  
bendita sois vós entre as mulheres  
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus,  
rogai por nós pecadores,  
agora e na hora da nossa morte.

*[A oração é repetida por três vezes. Na terceira vez a narradora não responde a segunda estrofe]*

### **Roberta/ancestral**

Wufir? Wufir? Dormiu de novo? Meu amor, é a sua vez! Wufir? Wufir??!!

### **Roberta/ancestral**

Dois anos! É pouco tempo, né? Nós vivemos lá por dois anos. Tempo suficiente para aquele lugar não sair da nossa memória.

A minha madrinha foi pra lá depois que teve mais um parto, mais um dos quatorze. O médico disse que ela precisava descansar perto do rio. Antes ela morava em Óbidos. Eu não sei exatamente onde minha mãe morava, mas sei que ela me deu bem perto dessa época e eu fui com eles para o Igarapé dos Currais. Eu gostava de lá. A casa era linda, grande. Mas tinha medo também. Saudade da minha mãe. Nós passamos dois anos lá. Eu cuidava da Nilma.

A casa era grande, alta para escapar da maré alta. A Nilma passava o dia brincando embaixo da casa, quando a maré tava baixa. A minha cumadre tinha uma fazenda inteira de osso de boi. Pelo formato do osso ela dizia o que era: vaca, boi, bezerro.

Na maré alta a minha cumadre ficava olhando nas fresta da casa e do trapiche os peixes nadando no rio. Ficava distraída... Eu cuidava dela e da casa e da Nilma.

A Nilma virou professora.

Dois anos nós passamo lá. Mas o que a minha cumadre mais gostava era de ver o irmão pescar e nadar. Dizia que ele mais parecia o boto. É... O Wufir mais parecia o boto mesmo. Alto, grande, caboco marrom, da cor do barro da terra e do sol que pegava todo dia cuidando de tudo dali. Aquelas terras era ele que cuidava porque o meu padrinho ficava na cidade, no cartório. Ia lá com a gente uma vez por semana, levar mantimento. Tinha fartura naquela época. O Wufir era casado com a Iná. Não lembro se já tinham filho. Acho que não.

Foi terrível perder ele tão cedo! Quem podia imaginar um homem tão forte morrer enquanto rezava. A minha cumadre sempre dizia isso! Cadê a minha cumadre?

*[A narradora fica acocorada como se estivesse perdida, enquanto repete uma última fala: É, dois anos é pouco tempo! Pouco tempo... Depois retira a máscara e se levanta. Olha para pessoa que está sentada no outro banco e fala o presságio. Depois ajuda a pessoa a desembarcar]*

*Dois anos é o tempo de uma vida.*

*[Olha para o rio e aponta]*

Tinha um rio ali! Tinha! Tinha um rio ali!

*[narradora explora agora o som do sino. Três badaladas. Em seguida convida uma nova pessoa para embarcar e sentar no banco a sua frente. Sorri em cumplicidade com sua nova "parceira de cena" e recoloca a máscara]*

### **Roberta/ancestral**

Mãezinha do céu, eu não sei rezar  
Só sei te dizer que eu quero te amar  
Azul é teu manto,  
Branco é teu véu,  
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu,  
Mãezinha, eu quero te ver lá no céu

*[A atriz, enquanto canta, dá uma volta no espaço cênico. Depois continua a cantar com o corpo alterado. Até quase cair em frente ao banco em que estava sentada antes].*

### **Roberta/ancestral**

Ruberta? É você, Ruberta? Ruberta, me dá logo um bijinho! Ruberta, vai lá na cozinha enquanto a mulher não vê. Pega a farinha Ruberta, e trás pra mim!

*[Sentada com as pernas estendidas, ela ri e faz gesto de colocar farinha na boca. Depois com voz infantilizada]*

Ruberta, essa mulher me maltrata. Ela não me dá comida. É verdade! Ruberta, ela trás homi pra cá de noite, pra dormir com ela. Ruberta, ela me deu jacaré pra comer. Ruberta, olha minha filha, vai chover. Tira a roupa! Ruberta, olha o rio, minha filha! Tá enchendo! Vai encher a canoa! Vai afundar! Tira a água, minha filha, tira a água, minha filha! Tira, tira!

*[Sentada com a respiração ofegante, vai balançando o corpo para os lados, enquanto sussurra a cantiga “Maezinha do céu”. Quando retorna sua respiração, levanta-se e senta no banco. Olha para sua “parceira de cena” e fala seu presságio]*

*O luto é como maré! Tem dias que a maré tá baixa e parece que nada aconteceu. A vida segue. Tem dias, que a maré tá alta e parece que vai afogar a gente de tanta saudade. A vida parece que pára.*

*[Após o presságio agradece a parceria e ajuda a pessoa a desembarcar. Em seguida rodeia o espaço cênico enquanto fala outro presságio]*

*O rio mudou, a rua mudou.*

*[Em seguida canta ponto de matriz africana]*

*O sobrado de mamãe é debaixo d'água  
O sobrado de mamãe é debaixo d'água  
É debaixo d'água, por cima da areia  
É debaixo d'água por cima da areia*

*Tem ouro mamãe  
Tem prata  
Tem diamante que nos alumeia*

*[Após a narradora, convida mais uma pessoa a embarcar e auxilia a acomodar-se no banco a sua frente. Depois volta para o seu banco e faz sonoridade para seu novo mascaramento]*

### **Roberta/ancestral**

Dois anos não é pouco tempo! Dois anos é o tempo de uma vida. Eu tive só uma filha da barriga, mas eu cuidei foi de muita gente. Eu que fazia tudo naquela casa. Eu que fazia todas as comidas. Até a maniçoba do Círio! Eu fazia todos os doces. Até o biscoito pra aquelas meninas inxiridas. Surpresa relâmpago! Eu fazia os biscoitos e escondia, para comer só no dia certo, mas elas sempre achavam...

*[A ancestral se abaixa e faz um gesto como se fossem pegar os biscoitos que escondeu. Em seguida, a narradora bate na mão invisível e continua a narração]*

Roberta! Que isso? Mais ô pequena! Andréa! Que isso? Mais ô pequena! Agora, eu não faço mais nada. A minha cabeça tá estranha. As coisas vêm e vão. Eu não tô conseguindo lembrar. É muito difícil não fazer mais nada! É muito difícil não lembrar! Minha filha, me ajuda a lembrar? Me ajuda minha filha a não esquecer! Alessandra? Alessandra?

*[A ancestral fica por um momento agachada como que perdida por um tempo. Depois retira a máscara e se levanta, ficando próxima ao seu banco. Volta-se para o público e fala mais um presságio]*

*“Tem sempre um rio nas nossas vidas!”*

*“E o teu rio, qual é?”.*

*[Em seguida conta a história da sua mãe do coração ao público. Apresenta os biscoitos que fez como herança e oferece a sua “nova parceira de cena” e depois ao público. Por fim, agradece a sua parceira, ajuda a desembarcar e começa a cantar. Canta primeiro de uma forma lenta, como um solo. Depois de forma mais firme e*

*acelerada enquanto caminha no espaço cênico e incentiva o público a repetir a canção. Encerra saudando o público com o corpo].*

**Música**  
**CAMINHO DE VOLTA**

Retornar  
Re-existir  
Reconhecer  
Nunca esquecer

Caminho faz-se ao caminhar  
Maré, marejou, marejá  
Se a trilha do meu rio perdi  
Caminho de Volta

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final da apresentação do solo, disposto como ato poético a artista-pesquisadora propôs uma roda de conversa com todas as participantes presentes. Explicou um pouco o processo de criação do espetáculo “Caminho de Volta”, bem como da adaptação para o solo apresentado. Dialogou sobre quanto o solo dialoga com sua pesquisa de doutoramento em Artes, principalmente atravessando memórias de suas ancestrais em ato de cuidado de si e das outras presentes. Na oportunidade discutiu-se ainda sobre bem viver e sobre luto.

**REFERÊNCIAS**

FLORES BAYMA, Roberta Bentes. **Teatro Dativoso**: ritos e atos poéticos como práticas de cuidado de si e de outras. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023. 221 p.

FLORES BAYMA, Roberta Bentes. **O caminho de volta**: memória e resistência ancestral. Solo adaptado de RAMOS, Yasmin. **O caminho de volta**. Dramaturgia. s/p. [não publicado], 2023.